

UFRGS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA NA MODALIDADE
A DISTÂNCIA

Maria Cristina Galimberti de Souza Bauer

AUTORIDADE NA ESCOLA: UMA RELAÇÃO PEDAGÓGICA

TRÊS CACHOEIRAS
2010

Maria Cristina Galimberti de Souza Bauer



AUTORIDADE NA ESCOLA: UMA RELAÇÃO PEDAGÓGICA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia/Licenciatura, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Carmem Zeli de Vargas Gil.

Tutora: Alda Graciela Pereira.

TRÊS CACHOEIRAS

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-reitora de Graduação: Prof^a Valquiria Link Bassani

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura
na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado
e Marie Jane Soares Carvalho

Dedico este trabalho a Deus por iluminar meus pensamentos, ao meu marido Carlos pela paciência e compreensão nos momentos de ausência. Aos meus filhos Caroline e Natan, pela ajuda com as ferramentas tecnológicas e também pelas vezes que não puderam ajudar e precisei construir minhas aprendizagens sozinha e que jamais esquecerei. Às minhas colegas de grupo da escola e de estudos Loiva, Marisete, Nina e Elaine, pelas descobertas que fizemos juntas e pelo incentivo para não desistir nunca. À minha orientadora Carmem Gil que soube estar presente e direcionar meu trabalho para uma pesquisa produtiva e à tutora Alda Graciela Pereira pelo apoio incansável.

A autoridade coerentemente democrática está convicta de que a disciplina verdadeira não existe na estagnação, no silêncio dos silenciados, mas no alvoroço dos inquietos, na dúvida que instiga, na esperança que desperta.

Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho é um estudo sobre o conceito de autoridade e como essa é construída pelo professor no dia a dia de sala de aula. Originou-se da necessidade de compreender as relações, algumas vezes, conflituosas e desgastantes entre professor e aluno e a constatação que a autoridade não é mais dada pela tradição como há algum tempo atrás, mas construída a cada momento. Os principais objetivos foram compreender a importância da autoridade do professor na sala de aula da Educação Infantil, identificar os aspectos relacionados na construção dessa autoridade e refletir sobre essa relação em tempos difíceis entre professores e alunos. Para compreender melhor este assunto, busquei embasamento teórico em vários autores, entre eles: Paulo Freire que reflete sobre a generosidade e a segurança que o professor deve estar revestido para garantir qualidade à sua autoridade. François Dubet deixa claro a importância da relação afetiva na construção da autoridade e consequente sucesso no trabalho pedagógico. Yves La Taille defende que ter autoridade necessita saber algo sobre um determinado assunto, quando se tem a capacidade de transmitir credibilidade sem ser preciso persuadir ou ameaçar para que realizem o que é pedido. Ana Carita e Graça Fernandes afirmam que o desgaste de energia do professor para resolver conflitos impede um melhor aproveitamento no campo do ensino e da aprendizagem. Este estudo consistiu-se numa pesquisa qualitativa, resultante da reflexão de parte da experiência no Estágio do Curso de Licenciatura em Pedagogia. Os dados foram construídos a partir das observações em sala de aula, trazendo situações que foram registradas no Diário de Bordo do pbworks do estágio, no blog Portifólio de Aprendizagens e no Relatório de Estágio. Ao realizar este estudo entendi a importância da autoridade do professor para a construção da autonomia do aluno. O autoritarismo está geralmente ligado ao respeito e a obediência das regras de maneira imposta, sob coação. A autoridade também diz respeito às regras, mas ela acontece quando se tem a capacidade de transmitir credibilidade sem ser preciso persuadir ou ameaçar para que realizem o que é pedido. Para ser uma autoridade o professor ou adulto responsável pela criança devem procurar o autoconhecimento, a segurança e a firmeza em seus atos, carinho e respeito pelo outro, no caso a criança e acreditar que ela é capaz de aprender, ou seja, devem ocupar seu papel de saber conduzir certas situações nas quais as crianças precisam aprender valores, condutas e práticas que só irão adquirir se forem iniciadas pelo adulto.

Palavras-chave: 1- Autoridade, 2 – Autonomia, 3 - Desenvolvimento Infantil.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	08
2	RELAÇÃO DE AUTORIDADE ENTRE PROFESSOR E ALUNO.....	10
2.1	A desinstitucionalização da autoridade.....	14
2.2	A família auxiliando na construção da autoridade do professor	16
2.3	O professor construindo sua autoridade dia a dia.....	20
2.4	Autoridade sim autoritarismo não.....	23
2.5	Quando a autoridade leva a autonomia.....	25
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
	REFERÊNCIAS.....	35

1 INTRODUÇÃO

Nos dias atuais muito se ouve falar da resistência aos professores e a escola por um grande número de alunos. São alunos na maioria das vezes classificados como indisciplinados que tencionam o andamento das atividades no ambiente escolar. São professores cansados de exigir que se mantenha um mínimo de “ordem” para que possam ser realizadas as atividades pedagógicas.

O presente trabalho pretende refletir sobre esta relação em tempos difíceis entre alguns professores e alunos, no distanciamento entre família e escola, na desinstitucionalização da autoridade e como tornar a escola um ambiente mais próximo da realidade e dos interesses dos alunos.

Diante destas premissas busco discutir neste trabalho **como a autoridade do professor pode ser construída no dia a dia da sala de aula?**

Meus principais objetivos visam compreender a importância da autoridade do professor no desenvolvimento infantil e nas relações de sala de aula e identificar quais aspectos estão relacionados na construção desta autoridade. Com base nestes pressupostos e por decorrência de minha experiência como educadora e observações feitas durante o estágio, o tema do presente trabalho consiste em propor uma reflexão sobre o modelo pedagógico centrado na pessoa do professor que necessita de consideração e respeito.

O estágio foi realizado no primeiro semestre do ano de 2010, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Emílio Tarragô Assumpção, com uma turma de pré-escola com idade de cinco a seis anos. A escola atende crianças de famílias de nível sócio econômico baixo. Os alunos são, na maioria, filhos de trabalhadores da construção civil informal. Uma parcela menor são filhos dos comerciantes, de funcionários públicos, de catadores de lixo, de zeladores de casas de veranistas. A vivência familiar se dá de formas diversificadas e algumas crianças convivem com padrasto, com os avós, só com a mãe e com pai e mãe.

No geral a turma apresenta-se calma, apenas um aluno não consegue se concentrar nas atividades, apresentando um comportamento agressivo e muito agitado e uma menina também com comportamento agressivo com os colegas.

O desenvolvimento do presente estudo consistiu na realização de uma pesquisa quantitativa, resultante da reflexão de parte de uma experiência no estágio do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Os dados foram construídos a partir das observações em sala de aula, trazendo situações que foram registradas no Diário de Bordo do pbworks do estágio, no blog Portifólio de Aprendizagens e no Relatório de Estágio e que no decorrer faço uma relação com os autores escolhidos como referencial teórico.

Para embasar este estudo busquei como principais referenciais teóricos, Paulo Freire quando fala que ensinar exige liberdade e autoridade, Yves de La Taille sobre a autoridade na escola, François Dubet, vivência dos dilemas do professor na escola e Sonia A. Moreira França sobre as nuances que permeiam a autoridade e a autonomia.

Discuto o assunto organizando este estudo em uma sequência de títulos que abordam a crise de autoridade, as relações entre professor e aluno, a desinstitucionalização da autoridade, a construção desta pelo professor com a ajuda da família e no dia a dia de sala de aula que deve levar a autonomia do aluno. Na primeira parte procuro trazer o que dizem os teóricos sobre a autoridade, depois trago algumas experiências e por fim apresento as considerações finais mencionando o que foi possível constatar a partir do estudo e as referências usadas. Quais as certezas provisórias e as dúvidas permanentes.

2 RELAÇÃO DE AUTORIDADE ENTRE PROFESSOR E ALUNO

O desenvolvimento do tema proposto discute a autoridade dos professores com seus alunos. Ter autoridade segundo Yves de La Taille (1999), supõem saber algo sobre um determinado assunto, quando se tem a capacidade de transmitir credibilidade sem ser preciso persuadir ou ameaçar para que realizem o que é pedido.

A autoridade do professor em tempos passados era construída pela tradição quando as crianças traziam de casa a imagem da escola como espaço de autoridade rigorosa onde descobririam um mundo cheio de novidades, mas deveriam respeitar sob pena de serem severamente castigados caso saíssem fora das normas. Hoje essa autoridade deve ser construída pelo próprio professor através de sua transparência e coerência de atitudes diante dos alunos e principalmente pela sua demonstração de afetividade como ressaltava pesquisador François Dubet¹ em relação à afetividade entre professor e aluno:

Diz-se que aprendizado dos alunos de colégio tem ver com seu apego aos professores. Acho que é verdade por três razões. A primeira é que, psicologicamente, os alunos de colégio não estão em condições de distinguir o interesse pela disciplina do interesse por aquele que ensina a disciplina. É preciso uma forte maturidade intelectual para distinguir o interesse pela disciplina por interesse por quem a ensina. A segunda razão é que esta observação é confirmada pelos alunos cujas notas variam sensivelmente em função dos professores, e isto na mesma disciplina. A docimologia confirma esse julgamento. A terceira razão é mais científica.

No que se refere aos desafios das relações entre professor e aluno, o autor deixa claro a importância da relação afetiva na construção da autoridade e consequente sucesso no trabalho pedagógico. Para haver o aprendizado é necessária uma sintonia entre os envolvidos.

Segundo Yves La Taille (1999), para uma criança, ir à escola, significa submeter-se a uma autoridade, a do professor. Em seu grupo familiar a criança está

¹ Revista Brasileira de Educação Mai/Jun./Ago. 1997 N°5 Set./Out./Dez 1997 N°6 ISSN 1413-2478. (p. 230). Entrevista concedida às jornalistas Angelina Teixeira Peralva e Marília Pontes Sposito Disponível em: <http://pedagogia.incubadora.fapesp.br/portal/DISCIPLINAS%20>

sob a autoridade de adultos, no caso seus pais ou responsáveis e existe entre eles uma relação natural de autoridade porque possui uma forte dimensão afetiva, mesmo não aceitando algumas vezes as regras, no geral a criança corresponde a tais atitudes dos adultos por acreditar serem legítimas, até certa idade elas acreditam que o adulto sabe tudo.

Quando vai para a escola, não é por sua vontade, mas porque os adultos acham que ela deve ir. Sai da autoridade da família para a do professor. Existe aqui uma grande diferença, entre ela e o professor. Ainda não há vínculos afetivos, ele é um adulto desconhecido. Portanto, como reconhecer a autoridade de quem não conhece?

Em sua casa, a criança é de uma determinada maneira, com tarefas, preocupações, responsabilidades diferentes ou não tem nada disso. Na escola esta realidade muda. As regras de convivência já são pré-estabelecidas. A família normalmente passa por transformações e adequações para a chegada de uma criança, mas na escola a criança é que deverá se transformar e se inserir neste meio. Ela vai aos poucos conhecendo como funciona este novo universo.

Nesta etapa a criança contará com a figura do professor que a auxiliará e a colocará em contato com esta nova realidade. A postura do professor fará a diferença. Conforme Paulo Freire (1996) o professor diante do aluno deve estar revestido de segurança daquilo que está fazendo. Ele só terá força moral para estar diante de sua turma se levar a sério sua formação estudando e se aperfeiçoando constantemente. É preciso que se entenda o quanto a criança precisa ter liberdade de poder escolher. Às vezes com a tutela e a supervisão dos adultos, outras vezes sozinha.

Paulo Freire (1996) salienta ainda que “Outra qualidade indispensável à autoridade em suas relações com as liberdades é a generosidade. Não há nada que mais inferiorize a tarefa formadora da autoridade do que a mesquinhez com que se comporte”. Uma das formas de generosidade do professor consiste em querer repartir com seus alunos um tempo agradável sem esperar nada em troca, sem pré-conceitos.

Novamente trago Paulo Freire quando fala que: “Uma das tarefas pedagógicas dos pais é deixar óbvio aos filhos que sua participação no processo de tomada de decisão deles não é uma intromissão, mas um dever, até, desde que não pretendam assumir a missão de decidir por eles”. (1996, p. 120). Os pais precisam perceber que não podem tomar a decisão pelo filho de querer crescer ou não, como também não podem se omitir de oferecer orientação, e ele só crescerá se for dada a oportunidade de poder decidir e ir construindo sua autonomia. Parece um ato tão simples este, mas o brilho no olhar da criança, o orgulho por ser capaz de realizar pequenas tarefas, traduzem a beleza de sermos alavancas para a liberdade de nossos alunos.

Ambos os autores, Paulo Freire e Dubet, fazem referência ao sentimento de afetividade que deve estar presente nesta relação sem a qual parece que não será possível a construção da autoridade. Ao contrário, pode contribuir para o autoritarismo.

Dubet (1997) vai mais além:

O único elemento que parece desempenhar um papel é o efeito pigmaleão, isto é os professores mais eficiente são em geral aqueles que acreditam que os alunos podem progredir, aqueles que têm confiança nos alunos. Os mais eficientes são também professores que vêem os alunos como eles são e não como eles deveriam ser. Ou seja, são os que partem do nível em que os alunos estão e não aqueles que não param de medir a diferença entre aluno ideal e o aluno de sua sala. Mas evidentemente, nas atitudes particulares, entram também orientações culturais gerais, interesses sociais, tipos de recrutamento e de formação. Não são apenas problemas psicológicos.²

O autor citado ressalta a importância da confiança para a construção da autoridade. A autoridade do professor poderá estar embasada na autoridade instituída pela sociedade onde passa a imagem de superioridade e consegue que o aluno lhe obedeça sob pressão e imposições ou quando consegue estabelecer vínculos de confiança com seus alunos e obtiver o respeito e admiração pela sua competência.

Há ainda a terceira definição de professor, aquele sem autoridade nenhuma. Quando este modelo se mostra fraco, sem autoridade, isso é reconhecido pelos alunos. Nada do que ele fala tem sentido para as crianças porque conforme as

² Idem

autoras Ana Caritas e Graça Fernandes (1997, p. 24): “As crianças aprendem muito mais imitando do que através de uma instrução intencional. Efetivamente, a sua capacidade de seguir o discurso verbal de um adulto é muito limitada, sendo, sobretudo, ao que *ele* faz e não ao que *diz* que prestam maior atenção”. Sendo assim, cabe ao professor exercer seu papel como educador com seriedade e segurança de seus atos diante de uma turma de alunos. Antes de exigir que sejam cumpridas as regras pré-estabelecidas, ele primeiro as cumpre.

Para Júlio Groppa Aquino (1999, p.134), é importante que se estabeleça uma espécie de contrato entre professor e aluno que: “os entrelaça, posicionando-os em relação ao seu outro complementar, bem como delimitando seus respectivos lugares e funções”. Nesta relação também é notória a importância dada pelo autor quanto a posição do professor como exemplo a cumprir o que foi combinado. Ele parte da idéia de que hoje a autoridade realmente não se dá mais da forma institucionalizada que antes era passada pela tradição, mas sim de forma a ser sustentada continuamente por meio de práticas sociais contratualizadas o que lhe confere um caráter de oscilação e conseqüentemente, de provisoriedade. Para esse autor:

Em outras palavras, o fenômeno da autoridade deve ser compreendido como um efeito institucional sempre singularizado pelas condições concretas de sua consecução. Nessa perspectiva, é necessário assinalar que o reconhecimento da autoridade do agente não é uma reação automática, nem deve ser ‘natural’ da clientela; ele precisa ser forjado na ação cotidiana, e sempre no ato. (AQUINO, 1999, p. 137).

Diante destes argumentos podemos questionar se a autoridade é um sentimento ou um comportamento. Eu sinto a autoridade e a transmito ou o meu comportamento a demonstra? Tais fatores vem chamando a atenção de muitos educadores ao refletirem sobre as dificuldades de relacionamentos com seus alunos e conseqüentemente na dificuldade no processo de ensino e aprendizagem. Aqui busco novamente Ana Carita e Graça Fernandes (1997, p.19), quando dizem: “Quanto mais energia professor e aluno gastarem na resolução dos conflitos, menos energia podem investir na área do ensino e da aprendizagem”. E ainda: “O que a vida nos mostra é que quanto mais tarde nós interviermos, mais difícil se torna resolver a situação, quanto mais cedo o fizermos, mais previsivelmente a intervenção é frutuosa”. (ibid., p. 22).

Diante dessa problemática existente no seio familiar e na instituição escolar, procuro identificar nas famílias e na própria escola, fatores que levem a construção da autoridade. Neste aspecto Sônia Moreira França (1999), traz uma relevante contribuição para ajudar esclarecer o que é afinal a autoridade que se afirma ser tão necessária, no entanto tão difícil de ser encontrada nos dias de hoje:

Uma questão interessante apresenta-se: autoridade e autonomia, apesar de definidas como atos da vontade, dizem respeito a uma ação que se dirige para fora delas mesmas, ou seja, elas se realizam na companhia de outros homens. Em nosso cotidiano, autoridade e autonomia parecem-nos experiências humanas antagônicas. A figura de autoridade, quase sempre, é percebida como aquela que nos submete a seus desígnios, e a autonomia é a emancipação de toda e qualquer espécie de sujeição a esta autoridade. Ou seja, estamos denotando as duas em apenas um plano: querer o poder de um sobre o outro – ser livre é ser independente dos outros enquanto ter autoridade é, ao contrário, prevalecer sobre eles. (p. 157)

Muitas vezes a dificuldade em entender o real significado da autoridade e da autonomia leva a rejeição. Hoje estamos sendo levados a interpretação de que ter autoridade é mandar, dominar, impor e isso não é bom porque não permite ao outro ter autonomia, ser ele mesmo. Percebo que o ideal seria o professor conseguir mostrar à criança o mundo como ele é permitindo que ela faça suas próprias observações e descobertas.

Na próxima sessão busco refletir sobre a crise de referências tradicionais pelos quais passamos nos dias atuais onde a autoridade está sendo desinstitucionalizada.

2.1 A desinstitucionalização da autoridade

Em tempos mais distantes, talvez uns trinta a quarenta anos atrás, os valores que regiam a maneira das pessoas conviverem com as regras da sociedade, eram mais definidos e transmitidos pela família. Os pais eram vistos como detentores e referências de autoridade e tinham pelo que também haviam aprendido com seus pais, a autoridade de transmitir aos seus filhos. O que eles falavam estava falado e não havia espaço para discussão porque era uma verdade indiscutível que perpassava várias gerações.

Mas a sociedade está em constante transformação. As descobertas tecnológicas facilitaram a divulgação das informações colocando as pessoas em contato com muitas idéias que nem sempre estão em conformidade com as idéias dos pais e mães. Tantas mudanças parecem que deixaram os indivíduos desorientados, as famílias foram construindo de formas diferentes os laços afetivos, inclusive mudando na sua formação, onde muitas crianças não têm mais o convívio com a figura do pai, mas a do padrasto, do avô, do tio. O pai em muitas situações não é mais o modelo a ser seguido e está deixando lugar para que a mídia realize este papel de transmitir a forma de ser, de pensar e de agir.

Para entender um pouco melhor esta problemática, trago também o fato de que com o passar dos anos se percebe que muitos dos ensinamentos dos nossos pais estão sendo deixados para trás. As novas gerações, algumas vezes, dão pouca importância aos acontecimentos que ligam o homem a seus antepassados. Com tantos avanços principalmente os tecnológicos, muitas famílias estão perdendo suas referências e com isso a autoridade diante de seus filhos. Podemos dizer que está havendo a desinstitucionalização das instituições – família, escola, Igreja – que tinha uma autoridade dada pela tradição. Hoje o que vale é o que as pessoas fazem com o que recebem nessas instituições socializadoras.

Em relação à escola a mudança também é notável. Quando um aluno sofria castigos ou repreensões por atitudes que não estivessem dentro das regras estabelecidas, sofria em casa também porque os pais não admitiam tal comportamento e reforçavam as medidas tomadas pela escola. De uns tempos para cá, a mesma situação se inverteu. A autoridade que antes era imposta pelo medo e através de castigos, hoje deve ser construída com respeito e dignidade.

Por outro lado, quando é necessário tomar atitudes mais drásticas em relação ao aluno, às vezes percebemos, em alguns pais, posições favoráveis a seus filhos, muitas vezes não se preocupam em saber qual a versão da escola, mas defendem o filho como se fosse o único detentor da verdade e os professores são vistos como aqueles que perseguem, que são incapazes de exercer o papel de educador. É possível detectar uma divergência de valores em relação à educação. Para que exista parceria entre pais e escola talvez fosse necessário que se colocasse em prática o que tão sabiamente fala Paulo Freire:

A posição do pai ou da mãe é a de quem, sem nenhum prejuízo ou rebaixamento de sua autoridade, humildemente, aceita o papel de enorme importância de assessor ou assessora do filho ou da filha. Assessor que, embora batendo-se pelo acerto de sua visão das coisas, jamais tenta impor sua vontade ou se abespinha porque seu ponto de vista não foi aceito". (1996, p. 120)

Quando os adultos não sabem como responder ou agir diante de situações perplexas que envolvem as crianças, não dando o devido assessoramento como apresenta Paulo Freire, corremos o risco de permitir às crianças enfrentarem situações além de seu nível de compreensão, estarão expostas a problemas além do que seu conhecimento e experiência permitem entender.

A autoridade que outrora era dada pela tradição, hoje deve ser construída a cada dia. O professor deve todo dia construir esta autoridade junto ao seu aluno. Vamos refletir a seguir sobre o papel importantíssimo da família na ajuda da construção da autoridade do professor.

2.2 A família auxiliando na construção da autoridade do professor

Durante a realização de meu estágio com a pré-escola, pude evidenciar a importância do papel do professor de inserir a criança no meio escolar e no mundo, contribuindo para que seja de uma maneira tranquila. Recebi um aluno que tinha vontade de vir para a escola, mas logo no início ele começou perder o interesse e não querer vir mais para a escola. Comecei a investigar junto a mãe o que poderia estar acontecendo e o que o levava a se desinteressar. Ela me relatou que ele não gostava dos colegas porque riam dele quando falava (falava como neném) se sentia ridicularizado. Gostava de pintar, mas queria parar quando lhe desse vontade e não só quando terminasse a tarefa.

Investiguei com a mãe como era o tratamento dispensado a ele em casa e como era sua rotina e suas responsabilidades, se havia alguma exigência ou cobranças no sentido de fazê-lo crescer e se desenvolver de acordo com sua idade de quase seis anos. A mãe contou que em casa o menino não tem responsabilidades mínimas que

sejam nunca lhe incentivaram a falar corretamente porque ele é o bebê da casa e os pais não querem perder este bebê, não querem que ele cresça.

Conversei então com ela, levando a refletir no mal que poderiam estar causando para o desenvolvimento do filho por um capricho deles, pois os pais não tem o direito de segurar os filhos e sim de lhes dar asas para voarem. Pedi que começasse aos poucos colocar algumas responsabilidades nas tarefas domésticas que ele pudesse se sentir útil pelo andamento da vida familiar e incentivá-lo a falar corretamente repetindo as palavras claramente e não reforçando a pronúncia incorreta.

Em pouco tempo esta criança passou a aceitar melhor a convivência na escola, todos os dias chegava contando muito contente um avanço seu com as palavras ou algo que tinha ajudado a mãe em casa, brincava normalmente com os colegas que não riam mais dele.

Esta situação mereceu uma postagem em diário de bordo do pbworks³ de estágio, na quinta semana, quando registrei a felicidade da superação deste aluno por conseguir falar “rato” e não “ato”. Trago aqui um trecho da reflexão feita na postagem mencionada a cima:

“[...] Às vezes parece que não tem sentido certas atividades que fazemos, mas pensando na superação de um aluno que chega para mim e diz que já consegue falar “rato”, não diz mais “ato”, é um grande sinal de que a escola faz a diferença na vida dos alunos. Claro que ele não iria falar errado sempre, mas houve uma aceleração no seu crescimento. Agora ele está confiante que pode vencer muitos outros obstáculos. Então tudo que é proposto surte um efeito no desenvolvimento das crianças e a melhor maneira de verificar é conversando principalmente com as mães, elas que convivem diariamente, relatam as mudanças de comportamentos dos filhos, na maneira de se expressarem, de se organizar com seus materiais, de se relacionarem com familiares”.

³Diário de bordo. Disponível em: <http://cristinabauerestagio.pbworks.com>

Logo no início de meu estágio, fiz uma reflexão no meu blog Portfólio de Aprendizagens⁴ sobre o que observei a respeito de como as famílias estão lidando com algumas questões que envolvem a aprendizagem das crianças. Faço alguns recortes e transcrevo aqui:

“O trabalho realizado na escola só terá efetivamente sucesso, se houver uma parceria com a família, por isso é uma prática minha realizar uma reunião com os pais de meus alunos de pré-escola, no início do ano letivo para conversarmos e combinarmos algumas tomadas de atitude.

Acho importante conversar com eles porque percebo que são pais amorosos e preocupados com seus filhos, mas falta a preocupação com o desenvolvimento de bons hábitos, de valores e de impor limites. Às vezes eles acham que educar é bater no filho quando fazem algo errado, tanto que quando avisei da reunião, senti que algumas mães estranharam e imaginaram que seus filhos estariam dando problemas na escola, tranquilizei-as dizendo que não seria para falar mal de seus filhos que nos reuniríamos. [...]

“[...] Acreditar na capacidade e facilidade que eles tem de aprender e que este é o momento de criar compromissos e hábitos. Aqui a parceria é fundamental, que eles tenham compromissos na escola e em casa também.”

Os pais e mães concordaram também em controlar o lanche dos alunos na escola, procurando mandar alimentos saudáveis e liberar a sexta-feira como “dia da porcaria”, quando poderão permitir bolachinha recheada, salgadinhos e refrigerantes. Em apenas um mês de aula, relataram que já observam mudanças no comportamento das crianças, interessando-se por livros, organizando seus pertences em casa, expressando-se melhor e contando com entusiasmo o que vivenciam na escola.

Percebo que a educação muitas vezes passa a ser uma responsabilidade exclusivamente da escola. Todavia, sempre defendi que ela não existirá ou não será completa se não houver a parceria entre família e escola. A escola só obterá êxito

⁴ Blog Portfólio de Aprendizagens. Disponível em: <http://peadportifolio156815.blogspot.com>

em sua tarefa se a família reconhecer e assumir a sua grande parcela de responsabilidade na formação dos filhos e não transferi-la para a escola. Essa tarefa consiste basicamente em estabelecer regras e transmitir valores.

Colocar as crianças em contato com situações que exigem limites não é uma tarefa muito fácil. As famílias por diversas situações que fazem parte do mundo moderno, estão encontrando dificuldades para desempenhar a sua função de primeiros educadores dos filhos e acabam deixando de ensinar a eles, pois as coisas não acontecem na hora que queremos e como queremos.

Alguns pais parecem perdidos, não estão encontrando o meio termo para agirem com seus filhos, ou tornam-se autoritários, negligentes ou permissivos demais. Quando seus filhos chegam à escola, estabelece-se um conflito, eles não tem tudo o que querem na hora desejada. Antes não tinham compromissos e responsabilidades e a escola lhes impõem que se usou um brinquedo é preciso colocá-lo novamente no lugar.

Antes de cumprir seu papel de desenvolver a aprendizagem a escola precisa retomar a educação de princípios básicos que se supõem deveriam ter sido desenvolvidos em casa e adquiridos nos primeiros anos de vida que passaram com a família.

A psicologia afirma através de seus estudos que a criança forma sua personalidade nos primeiros três ou quatro anos de vida, quando chega à escola aos cinco anos, enfrentamos dificuldades para conseguirmos progressos e fazê-la entender que muitas coisas podem fazer e muitas outra não. Em sociedade o ser humano precisa conviver com as regras e respeitar o espaço do outro, esta é uma verdade que deve estar clara para todos os sujeitos.

Os pais devem ser os primeiros a mostrar a seus filhos com muito amor e carinho, esta necessidade primordial de convivência. A escola dará continuidade, mostrando um número maior de relacionamentos. A falta de orientação e educação da família deixa sequelas e altera o comportamento das crianças e adolescentes nos demais seguimentos sociais em especial a escola. Quando são criadas espécies de barreiras que impossibilitam a assimilação de aprendizagens. A interferência da

família, bem como o apoio direto na vida escolar dos seus filhos, fica evidente que contribui de forma positiva para o bom aprendizado dos mesmos.

2.3 O professor construindo sua autoridade dia a dia

Nos resultados obtidos a partir da análise feita por observação, constatei que grande parte da problemática na aprendizagem pode ser atribuída à falta de autoridade do professor. Neste sentido, Carita e Fernandes, muito sabiamente dizem que:

Sabendo quanto o seu modo de agir e de interagir é importante, torna-se necessário ao professor conhecer-se a si mesmo, como profissional, para de modo intencional, ter em atenção a sua conduta e prever os reflexos dela nos alunos. (1997, p. 25)

As autoras enfatizam a importância do autoconhecimento do professor e desta forma “tomar consciência do modo com funciona na e com a classe, e para esse efeito, procurar olhar-se imaginando como os seus alunos o vêem e o impacto que sobre eles tem os seus comportamentos”. (ibid.). Não há dúvidas que as crianças estão sempre testando os adultos e vendo até onde podem ir para tirar o máximo de vantagens e ver suas necessidades atendidas. Ao estabelecer regras junto a elas deve ser observado se é possível a sua execução, ou acabará caindo no esquecimento.

A coerência neste momento é fundamental porque se ficou estabelecido que não possa, por exemplo, sair da sala sem avisar a professora, esta atitude deve ser cobrada com igualdade, o que vale para um, vale para todos, até que seja necessário rever esta regra em combinação com a turma. A criança precisa se sentir recompensada e valorizada pela suas boas atitudes recebendo elogios e incentivos e também tomar consciência de que é responsável pelos seus atos e consequências.

Jean Piaget (1896-1980) através da Epistemologia Genética estudou como se dá o conhecimento e a aprendizagem, ocupou-se do aprender, do aspecto mais

consciente de nossa vida. Ele estudou os estágios do desenvolvimento intelectual da criança e do adolescente para poder entender melhor como se dá o conhecimento e a aprendizagem em cada indivíduo. Destaca a importância de o aluno ter um espaço para construir seu próprio saber, através de suas ações, interagindo com os outros, dialogando e expondo suas opiniões.

Perceber o estágio de desenvolvimento em que se encontra o aluno é muito importante no planejamento que será desenvolvido com ele. Por isso Tânia Beatriz I. Marques (2005) salienta a importante contribuição da Epistemologia Genética piagetiana que facilita este trabalho identificando os estágios de desenvolvimento da criança. Estágios Pré-operatório ou operatório concreto são os que atingem a faixa etária do meu campo de atuação com turma de pré-escola. Com a observação dos estágios tenho uma visão da capacidade já desenvolvida ou não que meus alunos possuem de conservação, isto é, se acompanham o processo de transformação dos objetos (reversibilidade), ou se ainda se detem ao que estão vendo no momento (irreversibilidade). Interrogando a criança, pedindo explicações, oferecendo contra-argumentos, é possível captar seu pensamento para ver que novas hipóteses podem criar, qual o caminho que deve seguir para a aprendizagem.

Entendo também como papel fundamental do professor contribuir formando gerações afirmativas, trabalhando com a diversidade, pois é na escola que se congregam os diversos tipos de etnias, classes sociais e culturas, chamando atenção para o diferente na imagem física e também nos comportamentos, mostrando à criança que cada um vem de uma família distinta, com seus valores, cultura, religiosidade e capacidades, mas que no espaço escolar todos precisam respeitar estas diferenças e conviver da melhor forma possível.

Ninguém respeita algo que não conhece, por isso é da escola o papel de trabalhar e despertar a percepção e a consciência de seus integrantes para a diversidade que compõem os grupos familiares ou de convivência, O professor deve possibilitar vivências de cooperação entre os alunos para que os mesmos não estejam condicionados à heteronomia (ameaças, sanções) encaminhando-se naturalmente para a sua própria autonomia moral e intelectual, participando ativamente na sua aprendizagem, na sua construção do conhecimento, tornando-os críticos, evitando assim os conflitos.

Na proposta pedagógica desenvolvida durante meu estágio trabalhei despertando nas crianças a percepção do outro, ressaltando as diferenças e semelhanças, as características de cada um, o modo de vida individual, a existência de outras etnias e o modo respeitoso que devemos conviver em paz.

Torna-se, então, uma etapa imprescindível para a aprendizagem de valores, incluindo valores de acordo com uma cultura de paz, como o respeito, a cooperação, a igualdade, a ternura, autonomia, justiça e a solução de conflitos de forma pacífica, e também um espaço para brincar e ser feliz.

A metodologia dos Projetos de Aprendizagens oferece um suporte de como trabalhar a aprendizagem de forma interativa com uma proposta que inclui a todos os alunos, partindo daquilo que lhes interessa, que aguça a sua curiosidade, que acolhe e que respeita o tempo de cada um. Esta constatação obtive quando durante o período de estágio coloquei em prática a execução de um PA (Projeto de Aprendizagem). A rotina em minha sala de aula saiu da forma clássica com a professora propondo o que será estudado e de que forma, para dar lugar as descobertas e as interações dos alunos com o objeto de conhecimento. Trabalhar o PA exigiu de mim como professora estar sempre atenta procurando fazer com que as crianças refletissem sobre o que estavam dizendo, explicassem mais claramente suas hipóteses levantadas, comparassem as ideias entre si, encontrassem argumentos para defender as próprias idéias e principalmente que pudessem questionar e não só responder o que era perguntado.

Estudar algo que sairia totalmente do interesse das crianças, que eu não sabia o que seria e aonde chegaria confesso que me deixou apreensiva. Consciente que sempre precisamos enfrentar o que causa temor e que os alunos necessitam de habilidades, recursos e estratégias para aprender com autonomia, enfrentei o desafio. Acreditando que a educação não deve mais se fundamentar na simples repetição de respostas, mas na formulação e construção de perguntas e conhecimentos e que cada vez mais o cidadão precisa saber perguntar, pensar e expor suas idéias e respostas a partir da reflexão. Observação e ação é o que propus ao trabalhar nos moldes que como aluna já havia construído no curso.

As ideias de Paulo Freire chamam atenção para a prática de sala de aula quando o professor quer transmitir o conhecimento aos seus alunos e esquece que para ser realmente válido, este deve ser construído pelo aluno, o papel do professor é o de intermediar as situações e facilitar os acessos. Segundo ele “Ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. (1996, p. 52).

Segundo Marilene Paré (2000), o professor precisa urgentemente uma tomada de consciência em relação ao papel do educador - aquele que se propõe educar, levar o outro a crescer, a aprender. Quando existe esta consciência, o professor age com mais autoridade com seu aluno, porque ele está seguro do que está fazendo, então permite que seu aluno seja autônomo, faça escolhas e tome decisões. Ela afirma ainda que a escola está despreparada para trabalhar questões de diversidades. A discriminação existe e, às vezes, a escola é o ambiente onde mais são vivenciados estes atos. Quando isso ocorre à escola acaba contribuindo para a construção de uma imagem destrutiva de si mesmo ao invés de ajudar na construção de uma identidade de autonomia.

2.4 *Autoridade sim autoritarismo não*

A disciplina não deve ser exigida como forma de imposição por aquele que detem a autoridade, toda forma de imposição se caracteriza como autoritarismo. Agir com autoridade com a criança não quer dizer que seja necessário não demonstrar qualquer tipo de afetividade, de carinho e atenção, mas fazer o oposto, quem tem autoridade ouve e respeita o outro. Quando precisa agir de maneira mais dura, o faz com determinação, deixando claro que o objetivo é o bem-estar do filho ou do aluno, para protegê-lo de algum perigo ou em direção a sua autonomia.

O autoritarismo é quando o adulto responsável pela criança na escola ou na família lhe exige comportamentos ou atitudes apenas conforme sua vontade e interesse. O único referencial é o seu próprio ponto de vista que vê sempre como único correto e não aceita discutir, muito menos dar explicações e ainda sofre variações a cada dia conforme seu estado de humor. Pode ser até uma exigência

que levaria a contribuir para o crescimento, mas pela maneira como é colocada acaba sendo rejeitado com indisciplina, indiferença e agressividade, pois de maneira geral, as crianças apresentam certa resistência ao que nós adultos tentamos lhes passar ou ensinar.

O pai ou professor autoritário, não explica o porquê das coisas apenas exige, grita, agride, castiga deixando de atender às necessidades reais como fome, sede, afeto. A intenção que é tida como se fosse “a melhor”, provoca traumas emocionais e gera novos problemas.

Quem tem autoridade, ajuda a criança a compreender que existem seus direitos e dos outros também, que suas vontades não podem prevalecer sempre, algumas coisas podem ser feitas, outras não e sempre a cima de tudo quem tem autoridade dá o exemplo e o mais importante é fazer isso demonstrando muita firmeza de que o adulto é quem sabe o que é melhor para a criança e sempre acompanhado de explicações coerentes e verdadeiras.

Quem tem autoridade explica, quem é autoritário diz apenas “porque sim”, “porque não”, “tem que ser assim”, “eu quero que seja assim”. Paulo Freire (1996) ressalta que um professor autoritário afoga a liberdade do educando quando lhe impede de ser curioso e inquieto. O professor com autoridade, respeita a autonomia e a dignidade de cada um, não ridiculariza, não menospreza, não ironiza, e ao mesmo tempo não se exime do seu dever de propor limites à liberdade do aluno quando necessário.

2.5 Quando a autoridade leva a autonomia

Vejo a necessidade de que a questão da autoridade seja pensada de outra forma, com uma visão mais ampla que leve a construção da autonomia. Conforme o Dicionário Aurélio (2005), autonomia quer dizer: “Faculdade de governar a si mesmo. Direito ou faculdade que tem uma noção de se reger por leis próprias. Independência”. A autonomia torna os cidadãos capazes de tomar atitudes e fazer suas escolhas sem prejudicar alguém ou a natureza.

A função do educador é fazer história, transformando o educando em uma personalidade viva, capaz de mudar a si mesmo e a natureza, acrescentando algo de bom, podendo optar entre o que é bom ou ruim. Aí está a autoridade que leva a construção da autonomia.

Segundo a autora Maria Aparecida Bergamaschi (2000): “Para constituírem-se cidadãos é necessário o domínio de categorias e conceitos que permitam compreender e intervir no mundo”. Esta é a missão do educador, fazer com que a criança quebre a resistência a mudanças e vá assimilando outras maneiras de pensar, agir e construir aos poucos sua própria autonomia e autoridade. Percebendo os cuidados com o espaço onde vive e as conseqüências do desequilíbrio causado pelo homem.

A criança é um ser social que está inserido num espaço, num determinado tempo, precisa ter a percepção de si mesmo, dos objetos que a cerca, para poder agir de maneira a cuidar e preservar o meio ambiente. Nestas descobertas irão despertando aos poucos a conscientização de fatos que acontecem além de seu mundo e aumenta a capacidade de compreender o tempo passado e futuro.

A proposta do Projeto de Aprendizagem que apliquei durante meu estágio no eixo VIII, com os alunos de pré-escola, onde puderam fazer perguntas, decidir o que gostariam de pesquisar, buscar as informações, criar suas hipóteses e chegar a suas próprias conclusões, é uma maneira de contribuir para a construção desta autonomia e autoridade. Foi preciso partir da realidade e dos interesses da criança, de forma integrada, mas com o olhar voltado para as coisas que estão acontecendo no mundo ao seu redor, não lhes dando respostas prontas, mas ensinando a descobrir conceitos que permitam a compreender e intervir no mundo. Nesse

processo se evidencia a importância de fazer perguntas, pensar em questões que aguçam a curiosidade, questionar a realidade, valorizando-a e buscando respostas.

As atividades propostas em sala de aula são de suma importância para contribuir no desenvolvimento da autonomia das crianças, aprendendo a brincar respeitando regras e criando outras, olhando de maneira crítica obras de arte, se expressando tanto na música como na dramatização consciente dos movimentos do corpo, ouvindo histórias. Para poder ajudar meus alunos nesta construção, eu como professora devo ter autoridade sobre os assuntos, isto é, transmitir credibilidade e segurança do que estou passando, sem ser preciso persuadir ou ameaçar para que realizem o que estou pedindo.

As reflexões desenvolvidas aqui também tiveram embasamento nas atividades realizadas durante o período de estágio o qual procuro refletir alguns pontos retirados da síntese deste projeto, relatando algumas situações propostas e vivenciadas com meus alunos registradas no Relatório de Estágio.⁵

Desenvolvi o projeto de estágio através de temáticas que visam oportunizar à criança vivência de situações que favorecem o desenvolvimento da criatividade e convivência onde ela possa crescer na sua auto-confiança, autonomia e auto-estima, na capacidade de construir seu conhecimento, através de um ambiente lúdico, educativo, democrático e igualitário. Usei como conteúdos o nome próprio, as características individuais físicas, sociais e étnicas, os limites e capacidades do corpo, vocabulário e linguagem oral, psicomotricidade ampla e fina, noções de tempo, espaço e lateralidade, numerais e letras, maneiras básicas de convivência e uso das tecnologias.

Procurando desenvolver a autonomia de meus alunos minha proposta era criar um espaço de possibilidades de interação com os colegas, de construção de um aprendizado significativo, de conquista da sua identidade pessoal e respeito às diferenças do colega, inserção no ambiente escolar, conhecendo e interagindo com as maneiras de convivência na escola.

⁵ Relatório de Estágio. Disponível em: <http://cristinabauerestagio.pbworks.com>

Entendendo que é pela ação do sujeito que o conhecimento é construído, procurei fazer da minha sala de aula um ambiente prazeroso, interativo, investigativo, que instigasse a curiosidade dos alunos e que fizesse com que se sentissem parte de uma história construída em conjunto, onde cada um desenvolve o seu papel, construindo seu próprio conhecimento e tornando-se mais autônomo.

Procurei também ter sempre presente o grande mestre Piaget que em sua teoria da Epistemologia Genética, defende que a aprendizagem acontece a partir da ação do sujeito sobre o objeto, sendo que essa ação pode ser física ou mental.

As relações entre o sujeito e o seu meio consistem numa interação radical, de modo tal que a consciência não começa pelo conhecimento dos objetos nem pelo da atividade do sujeito, mas por um estado indiferenciado; e é deste estado que derivam dois movimentos complementares, um de incorporação das coisas ao sujeito, o outro de acomodação às próprias coisas. (PIAGET, 1978b, p. 386)

Chamada também de interacionista pela interação que deve haver entre o sujeito e o objeto, provando que o conhecimento é algo construído pelo sujeito, na sua ação sobre o objeto de conhecimento, e não se dá a aprendizagem se não houver estruturas necessárias para que esse sujeito seja autor de sua construção.

Desenvolvi as atividades de estágio em sala de aula procurando a cada semana centralizar num foco como o tema gerador. Os temas geradores eram propostos por mim, baseada nas observações feitas o que seria interessante para as crianças e o que lhes agradaria, estando o assunto fazendo parte de sua realidade.

Os ensinamentos de Paulo Freire e Dubet estavam presentes em minhas ações no sentido de formar estreitos vínculos com as crianças que favorecessem as situações de aprendizagem no dia-a-dia. Ressaltando o sentimento de pertencer a um grupo, de ser uma pessoa importante e querida e a percepção crescente da capacidade de aprender. Procurei estabelecer uma rotina de atividades diárias e semanais, pois nesta fase de adaptação, ajuda a criança sentir-se mais segura sabendo o que vai acontecer. Distribuí atividades diferentes para cada dia, mas sempre no mesmo dia da semana, como atividade física na rua, hora do conto, da pintura, do laboratório de informática, de jogos de mesa (quebra-cabeças, encaixe), brinquedos (bonecas, carrinhos, casinha) e músicas. Acredito que assim as crianças possam adquirir mais segurança em suas próprias capacidades expressivas,

vivenciando múltiplas oportunidades para o desenvolvimento da criatividade e do prazer pelo conhecimento e a cultura.

A expressão oral era incentivada já no início da aula com na roda de conversa, que aproveitava para contarem suas novidades, recontarem uma história, explanando como seria nossa aula naquele dia ou sobre o assunto que propunha a eles, começando com perguntas a fim de sondar o que já sabiam sobre o mesmo.

Para organizar a rotina também estabeleci um ajudante do dia, escolhido de acordo com a ordem na chamada. O ajudante deveria organizar o cartaz da chamada e do tempo, distribuir as bandejas com o material escolar e as tarefas quando usadas em folhas de ofício, pois de acordo com Sônia Moreira França (1999) autoridade e autonomia se realizam na companhia e na convivência com os outros. Nessa primeira etapa, ser autônomo está relacionado à capacidade de assumir pequenas responsabilidades considerando as necessidades pessoais e do outro, dentro de regras e limites valorizados para uma convivência saudável.

O material escolar era usado coletivamente nos grupos, assim como brinquedos e jogos, e de responsabilidade deles a conservação e organização, desta forma as crianças compartilham um conjunto de situações e materiais, aprendendo a repartir e respeitar o espaço do outro garantindo o bem-estar na sala de aula, estimulando a construção da autonomia e a cooperação.

Com as primeiras temáticas consegui fazer um elo e dar continuidade aos assuntos. Fazer a interdisciplinariedade foi mais fácil porque os assuntos mesmo sendo da realidade dos alunos, eram propostos e pensados por mim antes. Acredito ter efetivado uma interação dos alunos com o objeto do conhecimento, mas ainda faltava acontecer de maneira mais dinâmica, partindo da curiosidade e interesse das próprias crianças.

Minha proposta inicial no estágio era começar fomentando a aprendizagem e desenvolvimento ajudando as crianças a progredirem na definição da própria identidade, no conhecimento e valorização de si mesmas. Para isso comecei explorando o nome de cada um. Identificando a escrita, a história do porque ganhou este nome, uso de crachá.

A participação da família é importante em todos os momentos e em especial, nesse, dando todas as informações necessárias e demonstrando interesse e

seriedade pelo assunto. Isto procurei deixar claro na reunião com os pais, enfatizando que os assuntos da escola devam ser comentados e valorizados na família, pois os pais como fala Paulo Freire (1996) tem a missão de assessorar os filhos, para isso devem estar presentes em todos os momentos e saber quando é necessário essa interferência.

A educação e principalmente a Educação Infantil, não deve ser responsabilidade somente da escola, deve ser compartilhada com a família. Há também, uma série de aspectos e valores que devem ser trabalhados desde a mais tenra infância, tais como cooperação, responsabilidade, aceitação do diferente, autonomia pessoal, para que as crianças se tornem adultos conscientes de seus direitos e deveres e integrados na sociedade que está cada vez mais exigente e avançada tecnologicamente.

Continuei o trabalho despertando neles a percepção do outro, ressaltando as diferenças e semelhanças, as características de cada um, o modo de vida individual, a existência de outras etnias e o modo respeitoso que devemos conviver em paz.

Continuaram descobrindo progressivamente seu próprio corpo, sua impressão digital, suas potencialidades e seus limites através do mapeamento do corpo, onde foram exploradas questões como lateralidade, tamanho, cuidados de higiene e alimentação, partes do corpo e suas respectivas funções.

Junto a estas temáticas fui trabalhando também outros conteúdos, o conhecimento lógico-matemático, envolvendo seriação, classificação e ordenação. Aproveitava para trabalhar a escrita de palavras em destaque no assunto, a primeira e última letra, a quantidade de letra, relacionar com outras palavras que comessem com a mesma letra. Noções de tempo e de espaço, antes e depois, ordem crescente e decrescente, números e quantidades.

O trabalho com a escrita não tem a obrigação propriamente de alfabetizar, mas vai despertando os alunos para a descoberta do mundo das letras e palavras, aos poucos vão se dando conta que elas existem e sempre querem saber mais, trazendo a cada dia uma descoberta, como uma palavra de embalagem que já sabem ler.

Apenas duas crianças haviam entrado em contato com o uso do computador, mas mesmo assim muito precário o seu uso. Coloquei-os em contato com esta tecnologia usando o laboratório de informática da escola. No início eles sentiam-se frustrados porque achavam que saberiam tudo de uma só vez, mas deparavam-se com a dificuldade de manusear o mouse, que teimava em não obedecê-los e chegava a cair da bancada. Fomos nos aventurando cada vez mais, aprenderam a ligar as máquinas, colocar a senha e ir para programas de desenhos, pintura e jogos que tem a dinâmica de familiarizar as crianças com o uso desta ferramenta.

Estas experiências lhes permitiram ganhar confiança em suas capacidades e possibilidades. Isso dá segurança, que é um elemento básico para atrever-se a explorar novas situações, novas experiências.

Lancei o desafio de construirmos um projeto de aprendizagem. Estudar algo que sairia totalmente do interesse das crianças, que eu não sabia o que seria e aonde chegaria confesso que me deixou apreensiva. Consciente que sempre precisamos enfrentar o que causa temor e que os alunos necessitam de habilidades, recursos e estratégias para aprender com autonomia, por isso a educação não deve mais se fundamentar na simples repetição de respostas, mas na formulação e construção de perguntas e conhecimentos e que cada vez mais o cidadão precisa saber perguntar, pensar e expor suas idéias e respostas a partir da reflexão, observação e ação é que propus o trabalho nos moldes que como aluna já havia construído no curso.

A construção do PA surgiu de uma explosão de perguntas, de questões que as crianças tinham curiosidade em saber como era. Direcionei o trabalho do projeto de maneira que a cada dia conversássemos um pouco sobre ele. Analisando e escolhendo uma pergunta para ser realizada a pesquisa. Levantando as certezas provisórias e as dúvidas permanentes. Buscando meios para encontrar as informações necessárias. Descobrimo maneiras práticas de demonstrar como acontecia o fenômeno e poder expor para que outros alunos também vissem.

Percebi com a realização desse trabalho que realmente o professor deve ter segurança do que está propondo aos alunos e buscar antes vivenciar ou estudar a situação. Estar preparado como fala Paulo Freire (1996) para saber resolver questões inesperadas que surgem das crianças e que uma atitude certa na hora

certa levará a construção da autonomia do aluno. Não quero dizer que o professor deva ter respostas prontas para tudo, mas a autoridade de também admitir que precisa pesquisar mais e levar o aluno a buscar junto as respostas para suas dúvidas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante considerar os anos de experiência na docência para poder estabelecer relações com os estudos realizados durante o Curso. Os anos de magistério me trouxeram a experiência da prática profissional que me trouxe segurança, mas também muitas dúvidas e angústias por não ver em alguns casos progressos significativos. Constantemente me deparava com barreiras intransponíveis de relacionamento professor e aluno. Sempre questioneei a minha competência para encontrar uma solução e sabia que deveria ter uma maneira de discorrer sobre isso e quem sabe encontrar um caminho que apontasse para tal.

Durante a realização de meu estágio e mesmo durante o curso do Pead, muitas questões surgiram que gostaria de ir mais a fundo e investigar sua real importância. A minha grande preocupação como educadora é como realmente construir com o meu aluno uma aprendizagem significativa, capaz de transformar, que seja duradoura e não aquela que seja esquecida em pouco tempo. Como tornar a relação entre o professor e aluno menos desgastante?

Ao realizar este estudo fui entendendo a importância da autoridade do professor para a construção da autonomia do aluno. Com base no estudo bibliográfico, pude perceber que o termo 'autoridade', às vezes é visto de maneira negativa e confundido com autoritarismo, no decorrer do trabalho procurei definir estes dois conceitos, deixando-os bem distintos um do outro. O autoritarismo está geralmente ligado ao respeito e à obediência a regras de maneira imposta, sob coação. A autoridade também diz respeito às regras, mas ela acontece quando se tem a capacidade de transmitir credibilidade sem ser preciso persuadir ou ameaçar para que realizem o que é pedido.

Para chegar nesse ponto de conseguir ser uma autoridade, o professor ou adultos responsáveis pela criança devem procurar o autoconhecimento, ter segurança e firmeza de seus atos, carinho e respeito pelo outro ser, no caso a criança e acreditar que ela é capaz de construir seu conhecimento, ou seja, devem ocupar seu papel de saber conduzir certas situações nas quais as crianças precisam

aprender valores, condutas e práticas que só irão adquirir se forem iniciadas pelo adulto.

Esta postura de proporcionar ao aluno a construção de seu próprio conhecimento trouxe um novo significado à minha própria prática pedagógica e a preocupação que sempre devo estar fazendo esta análise do desenvolvimento das crianças, isto é, sempre analisar para que propor determinadas atividades, em que servirá na vida do meu aluno, no que utilizará, qual a importância de desenvolver esta ou aquela habilidade.

Refletindo sobre a utilização do termo 'autoridade' e com base nos estudos que realizei, penso que a questão deve ser vista como um processo de construção pelo professor. A autoridade deve ser construída incansavelmente todos os dias na sala de aula. Vejo que esta tarefa enfrenta muitas dificuldades como a falta de credibilidade na figura do mestre, a concorrência com as tecnologias, a falta de preparo e incentivo para a profissão. Tanto os professores como a família, passam, atualmente, por um momento de perda de referenciais. Os pais apresentam muitas dúvidas sobre qual a melhor forma de educar os filhos. Muitos pais hoje foram os filhos de uma educação repressora, onde tudo era proibido e agora não encontram o meio termo de como lidar com os filhos, então acabam sendo permissivos. Quem foi proibido demais, hoje acha que nada deve ser proibido.

Por isso, enfatizo a abordagem sobre a importância da aproximação entre pais e professores na convivência com a criança principalmente nos anos iniciais de sua escolaridade. A convivência possibilita a troca de informações de ambas as partes. Acredito que o diálogo entre o professor com a família abre um espaço maior de compreensão da maioria das atitudes indesejadas da criança, como a agressividade, a indisciplina e a teimosia. O professor tendo um conhecimento maior da vida do aluno estará mais capacitado para buscar formas de uma convivência mais harmoniosa. Ele estará diante do aluno com a tão desejada autoridade de um adulto que poderá ajudar a transpor os limites e conseguir cada vez mais agir com autonomia. Este diálogo poderá sempre mostrar uma outra forma de encontrar um novo caminho para uma história que se mostra no momento sem solução.

Por sua vez a família também deverá falar uma linguagem parecida em termos de estabelecimento de regras e cooperação. Os ambientes de casa e da escola não apresentarão para a criança tantas divergências, pois estarão falando uma língua parecida. Acredito também que o professor, pela exigência de sua profissão e estudos realizados está mais bem capacitado para oferecer à família este apoio e ajudar a criança a reconhecer as divergências, que são inevitáveis em qualquer tipo de relacionamento humano, e ir desenvolvendo a capacidade de aceitar as diferenças, reconhecer que não somos donos da verdade.

Este trabalho oportunizou refletir através da experiência do estágio sobre como o professor da educação infantil pode auxiliar, ou não, seus alunos no processo de construção da autonomia. Diante de tudo isso uma das descobertas que fiz foi que é preciso respeitar o tempo de cada criança e não apressar em dar respostas, elas precisam descobrir por si, e que o importante é o processo que ocorre em seu crescimento intelectual e cognitivo e não os resultados que apresentarão ao final da pesquisa.

Enfim, ao final do trabalho destaco alguns fatores que deixo aqui registrados por considerar certezas provisórias: o professor precisa ser afetivo com seus alunos, deve estar seguro de seu trabalho. O aluno sabe reconhecer o ponto fraco do professor, fato que diminui a intervenção deste. Também destaco algumas dúvidas permanentes: a falta de autoridade do professor é responsável pela indisciplina dos alunos? A experiência na profissão dá a autoridade ao professor ou dependerá de sua conduta como profissional?

REFERÊNCIAS

AQUINO, Júlio Groppa. **Autoridade docente, autonomia discente**. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). *Autoridade e autonomia na escola*. São Paulo: Summus, 1999. P.131 a 153.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. **O tempo histórico no Ensino Fundamental**. Versão preliminar deste trabalho foi apresentada na 23ª Reunião Anual da ANPED. No GT Ensino Fundamental, em Caxambu/MG, em outubro de 2000.

CARITA, Ana; FERNADES, Graça. **Indisciplina na sala de aula**. Lisboa: Editorial Presença, 1997.

DUBET, François. Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor. São Paulo, Revista Brasileira de Educação, n. 5, maio/ago. 1997, p. 222-31. Entrevista concedida a Angelina Teixeira Peralva e Marília Pontes Sposito.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Curitiba, Editora Positivo, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRANÇA, Sônia A. Moreira. **Autoridade e autonomia: fundamentos do mundo dos homens**. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). *Autoridade e autonomia na escola*. São Paulo: Summus, 1999. P. 155 a 167.

LA TAILLE, Yves. **Autoridade na escola**. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). *Autoridade e autonomia na escola*. São Paulo: Summus, 1999. P. 9 a 30.

MARQUES, Tânia Beatriz Iwaszko. **Do egocentrismo à descentração: Epistemologia Genética e Construção do Conhecimento**. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Tese de doutorado.

PARÉ, Marilene Leal. **Auto-Imagem e Auto-estima na Criança Negra: um Olhar sobre o seu-Desempenho Escolar**. Porto Alegre: UFRGS, 2000. Síntese de Dissertação de Mestrado em Educação.

PAGET, Jean. Texto: **Desenvolvimento e aprendizagem**. (Texto digitado da UFRGS)

